

Levantamento sobre condições de vida e saúde dos estudantes do IFF de Macaé durante a pandemia

1. Apresentação

A implementação deste levantamento partiu da equipe de assistência estudantil do Instituto Federal Fluminense (IFF) *Campus* Macaé, com objetivo de conhecermos um pouco sobre as condições de vida e de saúde atual dos estudantes do campus, dada a situação que estamos vivendo no nosso país relacionada à pandemia de COVID-19.

Antes de adentrarmos no cerne nos dados deste levantamento, é importante colocar que a assistência estudantil é uma política que objetiva contribuir para garantia de condições de acesso e permanência no âmbito escolar, no contexto do direito à educação. Baseia-se portanto na Constituição Federal de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9.394/1996) e disposta atualmente pelo Decreto 7.234/2010, que traz o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES.

No IFF, a assistência estudantil é regulamentada atualmente pela Resolução nº 39 de 2016, afirmando-a como:

conjunto de ações, serviços e projetos que visa possibilitar a democratização das condições de acesso, permanência e conclusão de curso pela minimização dos efeitos e impactos da desigualdade social estrutural na vida dos estudantes e suas famílias (IFF, 2016, p. 6).

Áreas de alimentação, transporte, cultura, saúde, esporte, apoio pedagógico, social e psicológico, etc. fazem parte dessas ações, e em cada campi são organizado/s setor/es que atuam nessas questões.

No IFF *Campus* Macaé, a assistência estudantil está organizada junto a Diretoria de Políticas Estudantis. Vinculada a essa Diretoria temos a Coordenação de Políticas de Assistência Estudantil (COPAE), que foi de onde partiu a iniciativa deste levantamento. Atualmente a equipe é composta por duas assistentes sociais, uma

estagiária de Serviço Social, um psicólogo, duas estagiárias de psicologia, uma nutricionista e duas assistentes em administração (sendo uma coordenadora do setor).

Considerando que o atual contexto vem trazendo múltiplos impactos na ordem de saúde física e mental, como também questões socioeconômicas, dada a tamanha desigualdade histórica no Brasil, a realização deste levantamento se justifica pelo fato de que são elementos que interferem diretamente na vida dos estudantes e, conseqüentemente, no âmbito educacional. Sabemos que muitos estudantes estão vivenciando questões graves de desemprego, saúde e preocupações que podem afetar diretamente as condições de estudo.

Nesse sentido, ao pensar a educação, não podemos desconsiderar as expressões da questão social, entre elas as que refletem nas questões nutricionais e emocionais vividas pelos estudantes. A escola pública como política pública de direito universal precisa se atentar para que a educação não seja fonte ainda maior de exclusão.

Sendo assim, diante do cenário atual de pandemia e dos encaminhamentos para o ensino remoto no IFFluminense, não nos preocupamos apenas com as condições materiais de estudo (internet e computadores), pois para essas questões, por mais complexas que sejam, podemos alcançar soluções. Entretanto imperam algumas questões: como reproduzir dentro das casas dos estudantes condições existentes no espaço escolar para o estudo? Como garantir no âmbito familiar as condições adequadas de produção e apropriação acadêmica?

É importante ressaltar que tal levantamento é somente um instrumento que contribui para aproximação dos estudantes enquanto operadores da política de assistência estudantil, visando pensar em nossas ações profissionais, não sendo, portanto, uma pesquisa institucional ampla atrelada diretamente aos mecanismos que estão sendo trabalhados pela instituição IFFluminense para planejamento de retomada de calendário na modalidade remota.

Apesar de não ter sido uma pesquisa formalmente institucional (no sentido de divulgação e/ou obrigatoriedade de retorno por parte dos estudantes), e de não ser nossa pretensão que ela se torne um norte para as decisões que serão tomadas pelo campus, *ela expressa uma amostra significativa* que é capaz de promover muitas reflexões importantes, especialmente nesse momento..

Optamos por estruturar as perguntas de forma aberta para que os estudantes pudessem responder livremente como se sentem e o que consideram relevantes nesse momento quando pensamos o retorno das atividades acadêmicas de maneira remota.

Foram as questões: 1. O que você tem feito nesse período de pandemia? 2. Como tem se sentido? 3. Sua vida foi afetada por situação desemprego seu ou de algum membro da sua família? 4. O sustento da sua família foi afetado de alguma forma? Como? 5. Você considera que a assistência estudantil do IFF Macaé está atendendo as suas demandas adequadamente? 6. Acha que podemos melhorar algo no atendimento à sua situação socioeconômica atual? Se sim, como? 7. Você considera que tem condições de estudar na modalidade remota? 8. Como é seu espaço familiar? Tem local reservado para estudo? Tem apoio familiar e condições de estudar (sem ser interrompido, por exemplo?) 9. Você considera que teria condições emocionais para conseguir se concentrar nas aulas online? 10. Você tem capacidade de estudar sozinho sem apoio presencial? 11. De modo geral e de acordo com sua experiência presencial no IFF, você considera que os conteúdos e as avaliações realizadas de maneira online seriam ofertados com uma didática adequada para o seu aprendizado? Por que? 12. Se as aulas voltarem remotamente você irá frequentar? Se não, por quê? 13. Utilize esse espaço livremente para fazer considerações que achar necessário.

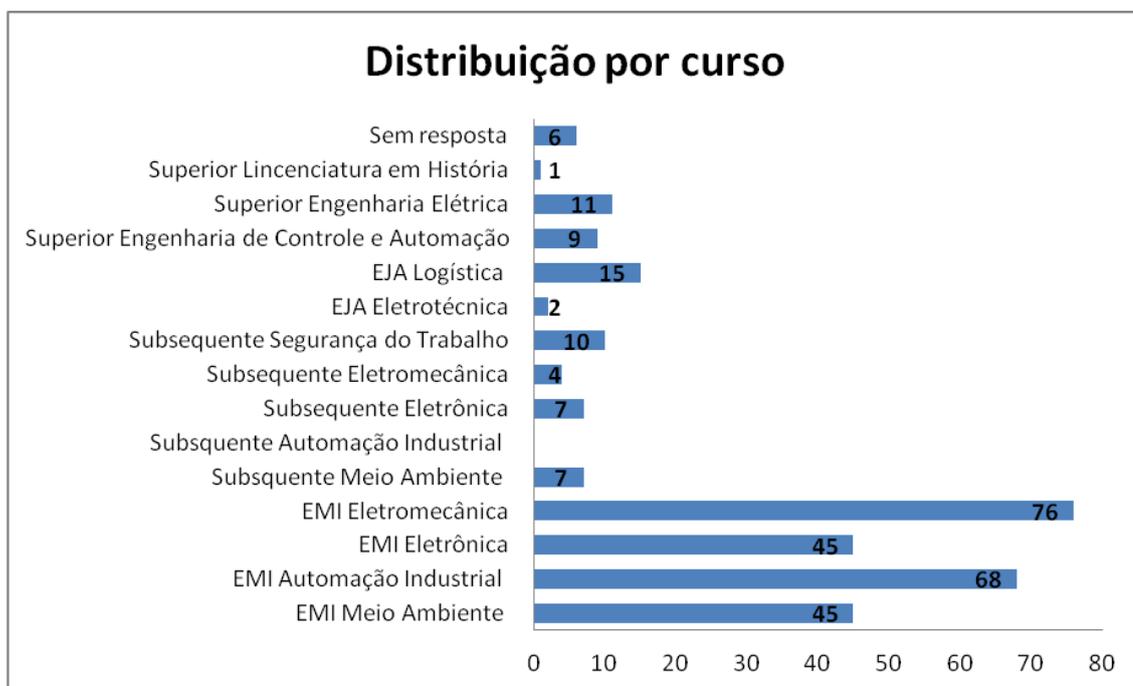
Por serem perguntas abertas, não conseguimos tabular com precisão todos os detalhes, mas apresentamos as principais questões trazidas pelos estudantes de maneira a visualizarmos os dados obtidos estatisticamente, mantendo-nos fiéis aos relatos no que diz respeito ao conteúdo desses e em alguns momentos qualitativamente com a transcrição de alguns relatos.

A identificação pessoal foi facultativa, parte registrou, outra não. De todo modo, essa informação fica mantida sob sigilo profissional. Aqui apresentamos o levantamento de dados relacionadas ao conteúdo das respostas às perguntas do formulário. O formulário ficou disponível aos estudantes de 20/07/2020 a 26/07/2020, a divulgação foi feita por meio de contatos pelo *whatsapp*.

O universo de respondentes foi de aproximadamente 307 estudantes¹. Foi feita uma revisão das respostas na tentativa de captura de eventuais estudantes que responderam mais de uma vez à pesquisa, mas devido a condições de realização deste levantamento e de seu objetivo, assim como do formato de o questionário não bloquear mais de uma resposta, pode haver alguns (poucos casos) repetidos (número esse que efetivamente não compromete o resultado aqui apresentado, muito menos as reflexões dele provenientes).

1. Dados preliminares: distribuição por curso e ano/período

Iniciamos nossa pesquisa com a identificação dos estudantes participantes em relação ao curso realizado e o ano/período ao qual estavam vinculados, entendendo que esse conhecimento é relevante a leitura crítica perceptiva das demais questões.

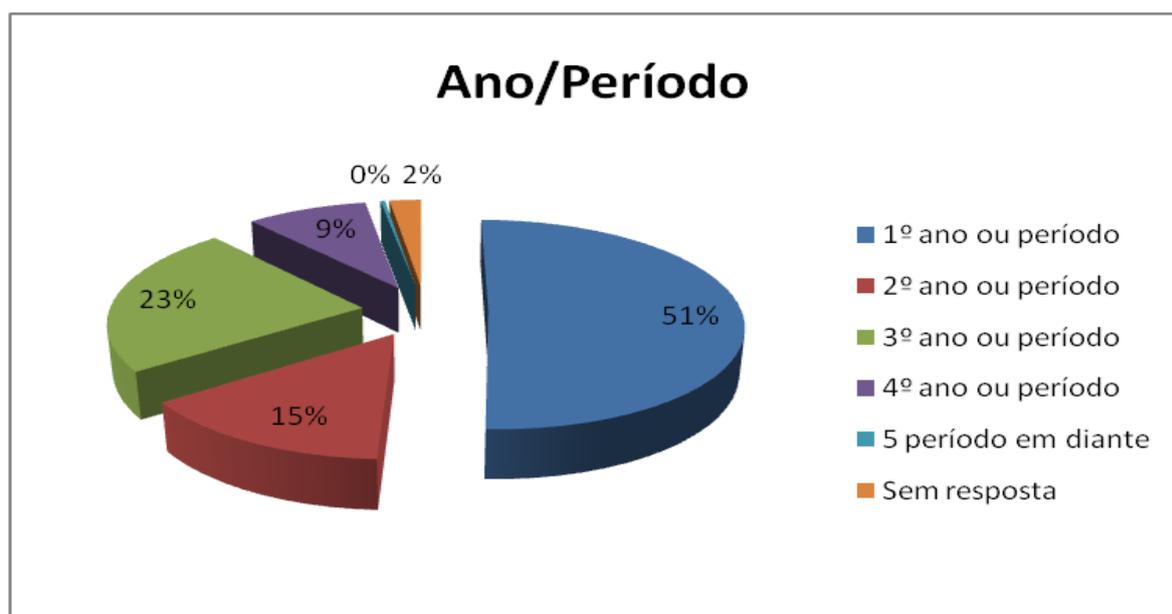


Como podemos ver, a maioria de estudantes participantes são do Ensino Médio Integrado (EMI), que juntos somam 77% dos respondentes. Cursos de EJA

¹ Colocamos como aproximadamente devido a possibilidade de ainda restar poucos estudantes que responderam mais de uma vez.

correspondem a 6%. Subsequente, 8%. Superior, 7% e 2% dos participantes preferiram não se identificar.

Essa adesão maior do Ensino Médio Integrado provavelmente decorre do maior acesso ao Serviço Social no que diz respeito ao acompanhamento durante o ano letivo. Os estudantes das demais modalidades, por serem maiores de idade, acabam estabelecendo laços menos concretos e estreitos com os profissionais. No caso dos cursos subsequentes, soma-se o fator da brevidade destes cursos que dificulta ainda mais a criação de vínculos com a equipe técnica.



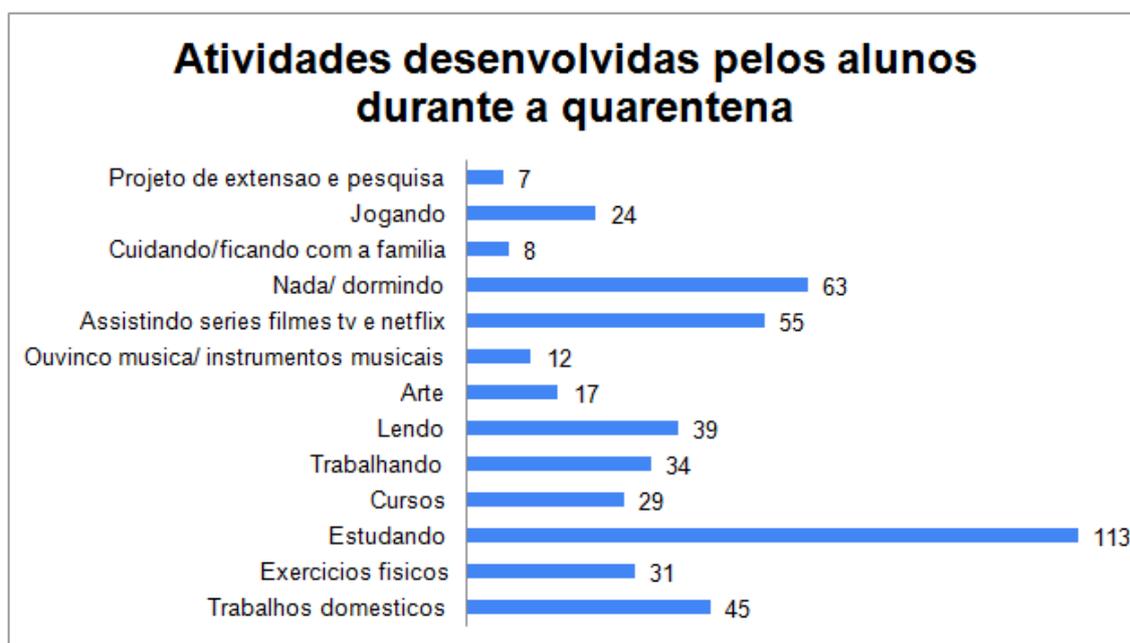
Um pouco mais da metade do universo de estudantes respondentes são do primeiro ano ou período, ou seja, recém-chegados à instituição².

Os estudantes dos primeiros períodos têm demonstrado muito interesse em participar de atividades da instituição, o que, em nossa percepção, decorre da ansiedade de ingresso no IFFluminense (um pouco de frustração do não-início das aulas) e da não-compreensão dos porquês de ainda não ter sido instituído ensino remoto, uma vez o que isso já foi feito nas demais escolas das quais se originaram antes de ingressar no IFFluminense.

2. Síntese dos dados colhidos nas questões do formulário

² Apenas um estudante indicou ser do quinto período em diante o que aparece como 0% das respostas por ser um percentual muito reduzido.

Neste momento trabalharemos aquelas questões cujos conteúdos podem ser agrupados por proximidade das respostas. Importa destacar que, como as respostas dos estudantes foram abertas (redigidas livremente por eles mesmos) os esforços profissionais existiram no sentido de agrupar por proximidade sem deixar de manter a autenticidade das respostas.



Essas foram as atividades destacadas pelos estudantes em suas respostas. Apareceram algumas outras como escrever, falar com amigos, descansar, redes sociais sem possuir, entretanto alguma expressividade. A parte referente à categoria denominada artes, agrupam todas as respostas fornecidas pelos estudantes como: desenhar, pintar, colorir, cuidados pessoais e hobbies.

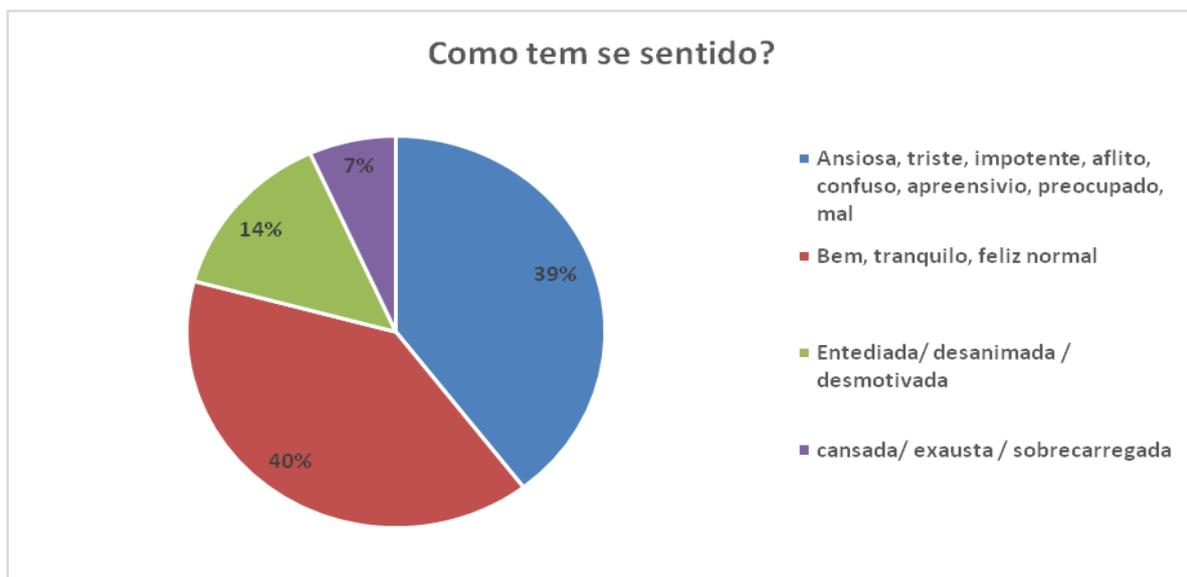
Observando entre as respostas dadas pelos alunos importa destacar que consideramos como opção de atividade todas as elencadas em cada uma das respostas, por isso, ao observarmos o montante de atividades elencadas temos um total de 477, número esse bem acima dos 307 respondentes. Sendo assim um mesmo aluno pode ter elencado, por exemplo, tarefas domésticas e estudar, ou ouvir música e assistir netflix.

Do total de atividades enumeradas por eles, aquelas de cunho mais escolar (ler, estudar, fazer cursos e participar de pesquisa e extensão) aparece em 39,42% das respostas, o que evidencia que boa parte dos nossos estudantes mantém-se

ativa, de alguma forma, no que diz respeito à vida acadêmica. Além disso, as atividades artísticas, culturais e esportivas (ouvir música, arte e exercício físico) também demonstram uma habilidade individual encontrada por eles para suprimir um eventual tédio que a falta da escola possa causar aparecendo em 12,58% das respostas.

Entretanto, não podemos desconsiderar que “fazer nada” ou apenas “dormir” apareceu em 13,21% das respostas sendo a segunda maior atividade a aparecer entre as respostas dos estudantes (perdendo apenas para estudar) quando avaliadas individualmente. Nesse sentido, apesar de o ócio ser parte importante na vida do ser humano, de uma maneira geral, a ausência de interação social e de processos produtivos pode ser um fator colaborador do estresse e ansiedade entre os jovens.

Essa reflexão fica evidente na questão seguinte onde buscamos avaliar como os nossos estudantes estão se sentindo nesse contexto pandêmico.



Podemos identificar nesse gráfico que aparece 60% de respostas relacionadas a alguma forma de ansiedade, exaustão, desânimo e desmotivação. Sendo assim, os sentimentos que mais apareceram nas respostas dos estudantes apontam para instabilidade e insegurança emocional. Dos respondentes a essa questão, 107 apontaram alguma das questões elencadas nessa variável, o que representa 39% dos que responderam à pesquisa conforme o gráfico acima.

É importante explicar que algumas respostas apresentaram mais de uma opção, inclusive antagonicamente falando (registros de “estou bem” e “ansiosa” nas mesmas respostas), o que revelam reflexos de sazonalidade e desequilíbrio emocional em uma espécie de montanha russa emocional que, obviamente, encontra respaldo no momento atual. Nas respostas apresentadas, a equipe optou por considerar todas nos agrupamentos que fizemos³. Dos estudantes que sinalizaram estar bem/normal, 13 deles associaram a uma das outras opções (ex: bem e ansioso, bem e preocupada...). Cabe colocar também que nem todos responderam a essa questão⁴.

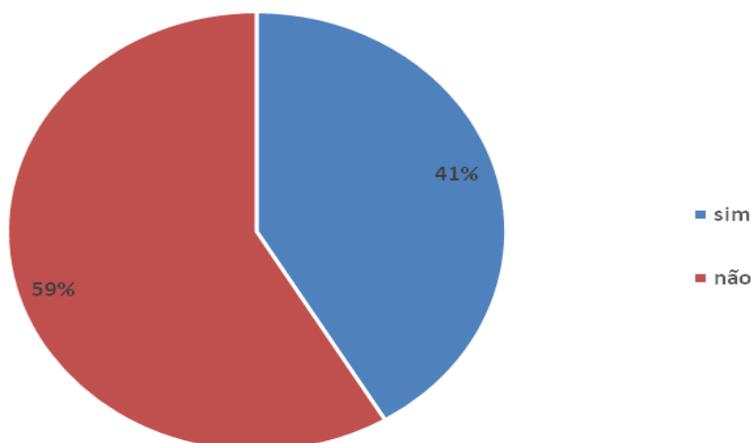
Os sentimentos antagônicos e incongruentes dos nossos estudantes relacionam-se com diversos fatores que obviamente uma pesquisa desse porte não foi capaz de alcançar: a ausência de contato social presencial, a falta de atividades escolares, as condições de isolamento, as relações familiares e as dificuldades financeiras são apenas algumas delas.

Dada a natureza das ações da Política de Assistência estudantil do *Campus Macaé*, fez-se importante conferir destaque a alguns desses fatores promotores de estresse, tais como as condições socioeconômicas dos estudantes e seus familiares e os impactos que as ações por nós desenvolvidas estavam alcançando no sentido de promover redução de danos nessas eventuais perdas de renda familiar. Nesse sentido, seguem as próximas três questões.

³ Cumpre explicar que os alunos que responderam mais de uma opção foram compatibilizados em todas as respostas, ou seja: o aluno que disse que sente-se bem e ansioso foi colocado uma resposta no quesito sentir-se bem e outra no sentir-se ansioso.

⁴ Sete alunos deixaram essa questão sem resposta.

Sua vida foi afetada por situação desemprego seu ou de algum membro da sua família?



Ainda que a maioria não tenha relatado ser atingida por situação de desemprego próprio ou em sua família, é bastante significativo os que afirmam esse impacto, somando 41% dos estudantes (todos responderam a essa questão).

Ressalta-se ainda que muitos estudantes consideraram que o desemprego estava apenas relacionado a modalidades formais não havendo percepção ou consideração quanto à falta de oportunidades informais⁵.

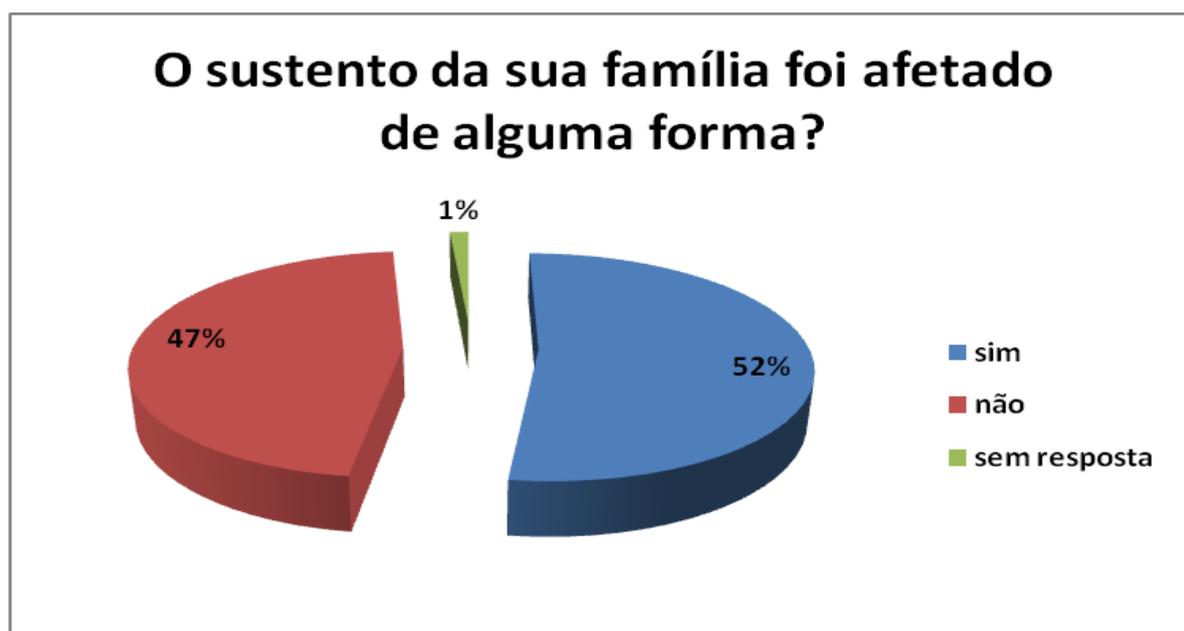
Considerando que significativa parcela dos estudantes bolsistas possui algum membro da família desempregado e/ou trabalhador informal, esse número de afetados poderia ser consideravelmente maior. Em um levantamento de dados realizado com base nos estudos sociais dos pedidos de bolsa dos estudantes solicitados no mês de dezembro de 2019, temos o seguinte perfil: entre os 300 inscritos⁶: 274 estudantes possuem algum membro (ou mais) desempregado ou que não trabalham, em 77 famílias pelo menos um membro era trabalhador informal e em 22 casas ao menos algum dos membros era microempreendedor ou profissional liberal.

⁵ O que reconhecemos que evidencia um equívoco na elaboração da pergunta, uma vez que a falta de oportunidades informais também poderia ter sido identificada caso a pergunta fosse melhor elaborada.

⁶ O número de estudantes desse levantamento é coincidente com o da pesquisa atual, mas não necessariamente são os mesmos alunos.

Sendo assim, a informalidade, a não-atividade, ou o trabalho inseguro e liberal abarca boa parte dos estudantes do IFF e seus familiares. Fato esse que colabora com a complexificação das expressões da questão social durante a pandemia e aumenta exponencialmente o público alvo de políticas públicas de cunho assistencial tais como a de assistência estudantil.

Somando a essa questão, a pergunta abaixo evidencia que a situação de agravamento das condições de renda familiar decorre não apenas do desemprego formal.



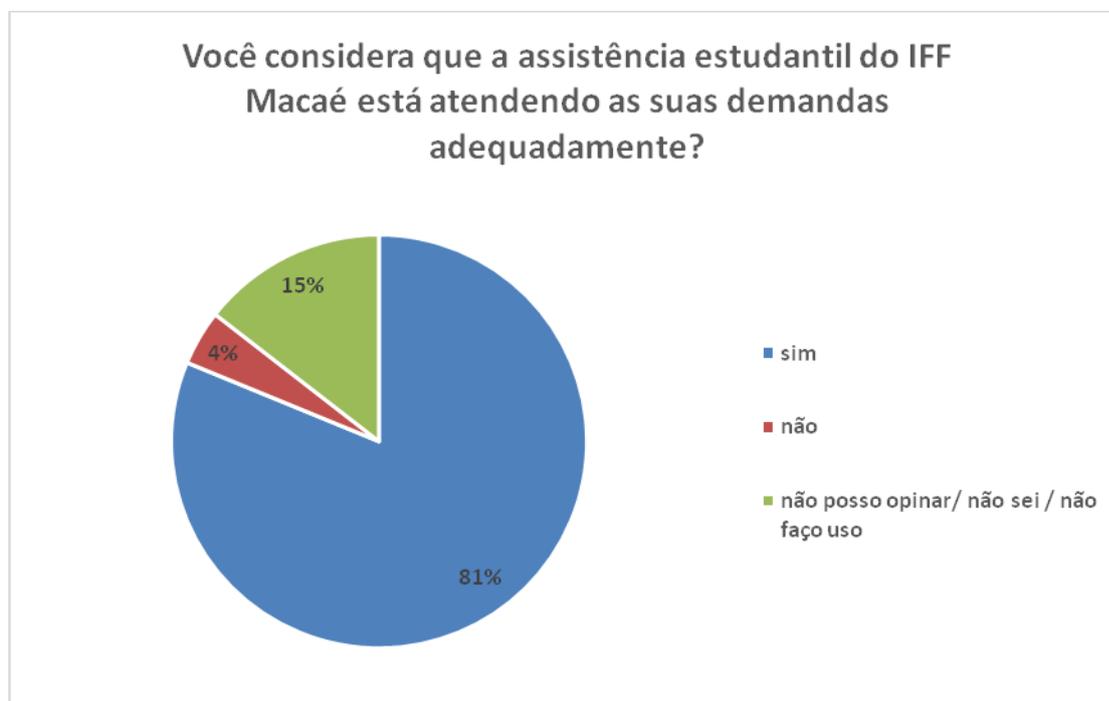
Para além da questão do desemprego expresso na questão anterior, essa pergunta buscou ampliar a compreensão em relação a impactos no sustento da família dos estudantes nesse período pandêmico. Podemos visualizar que mais de 50% sinalizam que tiveram o sustento de sua família comprometido. Entre esses, aparecem novamente situações de desemprego e muito significativamente também situações com membros da família que tiveram seus salários reduzidos (em alguns casos essa redução chegou à metade da fonte de renda).

Aqui também se encontram, em alguma medida, a situação de trabalhadores informais e precarizados, sem respaldo de direitos trabalhistas, como pedreiros, diaristas e faxineiras, vendedores etc. Nas respostas que consideramos como “não”, por vezes aparecem como “por enquanto não”, ou de que “há receio de que seja reduzido”, seja por possibilidade de desemprego ou perda de rendimento.

As ações do Governo Federal no sentido de permitir suspensões de contratos com pagamento parcial dos salários, em parte, tem garantido que muitos desempregos não tenham ainda se efetivado. Entretanto, o prolongamento da pandemia como a que temos evidenciado, torna o cenário ainda mais instável levando as famílias à situação de insegurança e, por sua vez, atingindo diretamente o emocional também dos estudantes.

Acompanhando o quadro retratado acima desde o início da pandemia, nós, trabalhadoras da política de assistência estudantil do *campus*, temos rotineiramente implementado medidas para alcançar essas alterações de maneira a apresentar contrapartida de suporte inclusive econômico aos estudantes e suas famílias⁷.

Aproveitando a pesquisa com os estudantes, decidimos avaliar sua percepção sobre o trabalho desenvolvido pela assistência estudantil junto a esse público.



Não tabulamos a questão 6 referente a como os estudantes avaliavam que pode melhorar o atendimento da assistência estudantil por que as respostas abertas

⁷ Criamos o Programa de Segurança Alimentar do campus por meio do Edital N°14 de 15 de maio de 2020 que atualmente atende a 248 estudantes com o valor mensal de R\$ 200,00 (a título de auxílio transporte) e 118 destes recebem também mensalmente cestas com gêneros alimentícios (sejam itens da agricultura familiar com recurso do PNAE, seja itens da merenda não perecíveis adquiridos com o custeio do *campus*)

são muito diversas e a intenção dessa questão foi ser um instrumento interno para a equipe, inclusive no que diz respeito ao aprimoramento dos serviços.

Todos os alunos que responderam que “não” a questão sobre o atendimento de suas demandas pela assistência estudantil foram individualmente contactados pela equipe de Serviço Social (telefone e whatsapp) e a demanda identificada foi imediatamente atendida/explicada, mesmo que, nem sempre, integralmente, conforme o estudante demonstrou que gostaria.

De todo modo, podemos elencar como maneira de exemplificar as demandas levantadas pelos estudantes as seguintes questões principais colocadas por eles

“Pouca transparência sobre as medidas de retorno às aulas online”.

“Não, 7 meses se passaram e não tive uma resposta direta sobre as medidas tomadas para auxiliar os alunos”⁸

“Não, mas acho que é a obrigação de vocês dar ao menos uma sinalização do que estão fazendo durante esse período. Afinal de contas, vocês tentaram fazer uma live explicativa que no final não explicou nada. Por favor, melhorem isso, e eu sei que vocês tem capacidade”⁹.

Muitas dessas colocações acerca do não atendimento por parte da política de assistência estudantil apresentaram-se, por muitas vezes, confundida com o atendimento de outras áreas, com uma compreensão de que seria essa política responsável pela definição do retorno ou não das aulas de maneira remota, por exemplo.

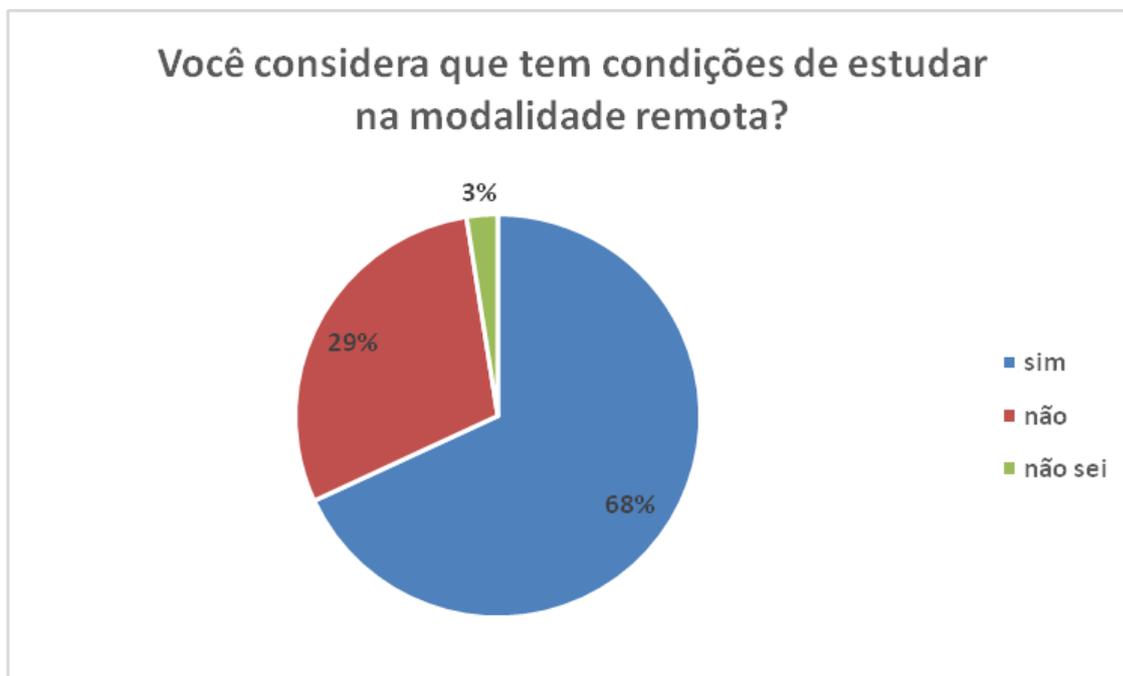
Nesse ponto, cabe a construção de um canal de comunicação mais claro com os estudantes para que eles saibam a quem direcionar suas demandas, e a nós, assistentes sociais, cabe a apresentação, especialmente aos novos estudantes, desta política de assistência estudantil, seu papel, função e inclusive o que vem sendo feito durante a pandemia.

Após a percepção dos dados referente a questões de condições de vida dos nossos estudantes, a pesquisa voltou-se para a avaliação destes a respeito do

⁸ Esse estudante quando contactado explicou que estava falando sobre o retorno do calendário letivo. Esclareceu que quanto ao suporte da assistência estudantil ele sabe e sempre recebe mensagens no grupo da turma

⁹ Essa estudante também em contato pelo whatsapp esclareceu que seu comentário se deu em relação ao retorno das aulas pois, na sua avaliação os alunos estavam sendo enrolados e nada estava claro ou objetivo. Quanto à assistência estudantil ela disse que sabia e não procurava pois não precisava mas que seria mais uma divulgadora do assunto aos colegas.

estudo remoto: suas condições objetivas, emocionais e suas percepções da capacidade de a instituição realizar tal formato de ensino durante a pandemia.

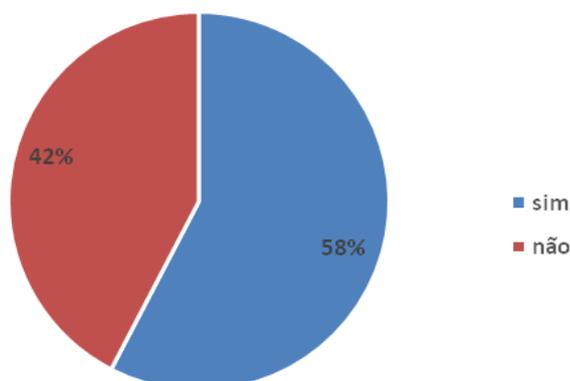


Sobre essa questão, aqueles estudantes que responderam mais ou menos; um pouco; só pelo celular ou só se tivesse computador (e respostas similares) tiveram suas respostas contabilizadas como não, uma vez entendido que não estavam seguros quanto às suas condições ou não as tinham garantidas sem qualquer intervenção institucional (como por exemplo, oferta de internet ou computadores e similares).

O IFFluminense, *Campus Macaé*, está ciente que as condições objetivas tais como acesso a internet e tablets ou similares são condição *sine qua non* para que a modalidade remota seja instituída e a identificação dessas questões já fora amplamente realizada pela Direção de Ensino em contatos até mesmo individuais com os estudantes.

Ampliando essa percepção, as questões que se seguem voltaram-se para desmembrar a análise dessa condição de estudo remoto considerando variáveis essenciais à vida acadêmica.

Como é seu espaço familiar? Tem local reservado para estudo? Tem apoio familiar e condições de estudar (sem ser interrompido, por exemplo?)

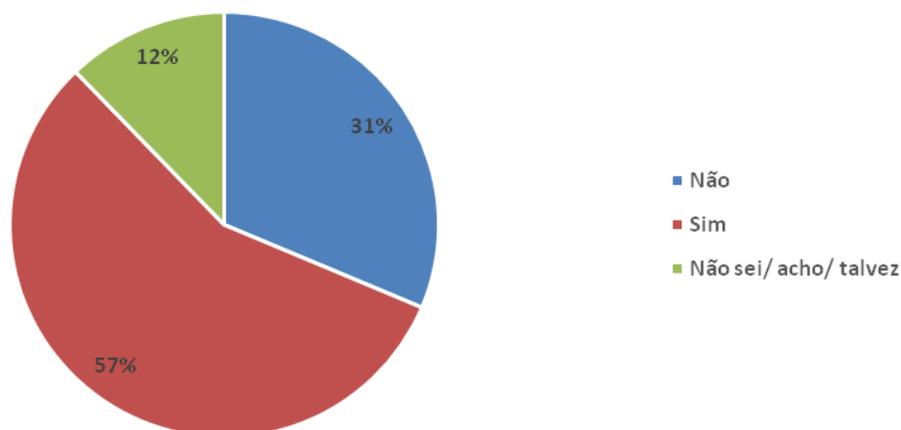


Quanto a essa questão, o agrupamento das respostas se deu considerando como “não” quando pelo menos uma das respostas foi “não”; e foi considerado como “sim” quando o aluno disse, por exemplo, que não é ideal, mas conseguiria.

Sendo assim, das 151 respostas computadas como “sim” 18 (vinham acrescidas de algumas ponderações no sentido de: “não ideal”, “mas pode ser que eu passe a não conseguir”, “com dificuldades”, “se houver um bom preparo dos professores e do material”, “desde que seja acompanhado pela escola”.

Tais ponderações, após a afirmação de que consideram possível o estudo remoto, denotam a insegurança que é comum diante do desconhecido, mas que precisa ser bem trabalhado e orientado aos estudantes com vistas a não ampliarmos a ansiedade deles.

Você considera que teria condições emocionais para conseguir se concentrar nas aulas online?



Somando os estudantes que declaram não ter condições emocionais e os que não sabem dizer se teriam, temos um total de 43% dos respondentes, o que é um percentual considerável do universo pesquisado.

Diante desse dado, em uma abordagem genérica, quando questionados de forma inespecífica se teriam condições de retornar às aulas na modalidade remota, 68% dos estudantes responderam afirmativamente, ou seja apenas 32% não se consideram em condições de adotar a referida formatação de ensino¹⁰.

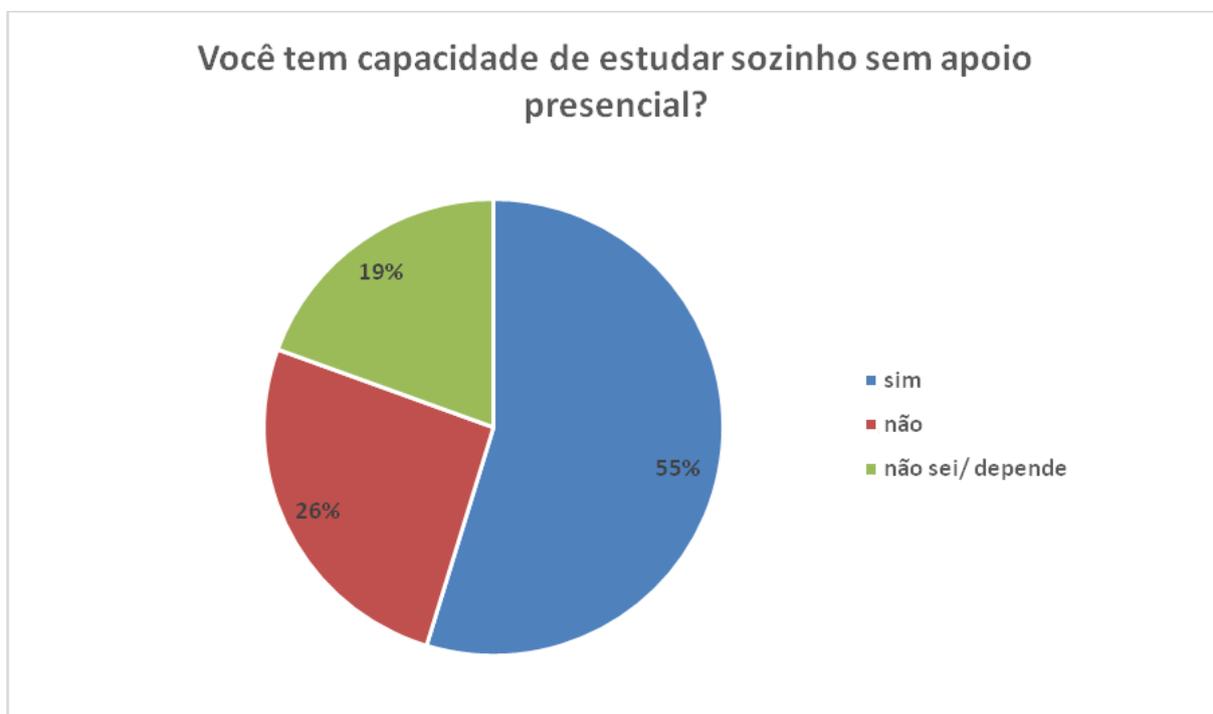
Porém, quando questionados, de forma específica, acerca da existência de condições emocionais para adoção do modelo de ensino remoto, 43% sinalizaram não ter condições (ou não saber) de retomar às aulas neste formato. Tal fato demonstra uma inconsistência na primeira pergunta diante do acréscimo de 11% de alunos que se julgam incapacitados quando o elemento a ser considerado é a saúde mental.

Considerando que a estabilidade emocional é um fator preponderante para as condições de concentração e dedicação aos estudos a observação desse elemento na vida acadêmica de nossos estudantes, é essencial e ainda mais necessário em um contexto de instabilidade (em todos os sentidos da vida humana) como o que vivenciamos.

¹⁰ Ficamos com dificuldade de categorizar o ensino remoto. Seria essa nomenclatura uma modalidade de ensino (assim como o EAD)? Seria uma metodologia? Uma técnica? Por esse motivo optamos por denominar como uma formatação de ensino dada a incipiente compreensão desse tipo de ensino.

São essas questões essenciais para que os nossos estudantes consigam se submeter a quaisquer que sejam as formas de estudo propostas nesse momento. Assim sendo, o retorno das atividades letivas precisa considerar a necessidade proeminente de suporte emocional aos estudantes¹¹, o que passa sem dúvidas pela equipe multiprofissional de assistência estudantil, mas também e até anteriormente, pela construção estrutural de todo plano de ensino e metodologias adequadas, atentas e sensíveis a essas considerações (construção essa que precisa ser feita com os aportes e contribuições de todos os envolvidos no processo educacional: professores e demais profissionais da equipe multiprofissional do campus).

Atentos a essa necessidade de preparo da metodologia a ser adotada pelo *campus* do retorno das atividades letivas nesse formato remoto, as duas perguntas que se seguem apresentam elementos pertinentes para atentarmos às condições de estudo na perspectiva dos próprios estudantes.



Mais uma vez a autoavaliação dos estudantes sobre suas condições de estudo não presencial aparece nas respostas dessa questão de maneira incoerente com a questão acerca das condições de estudar remotamente.

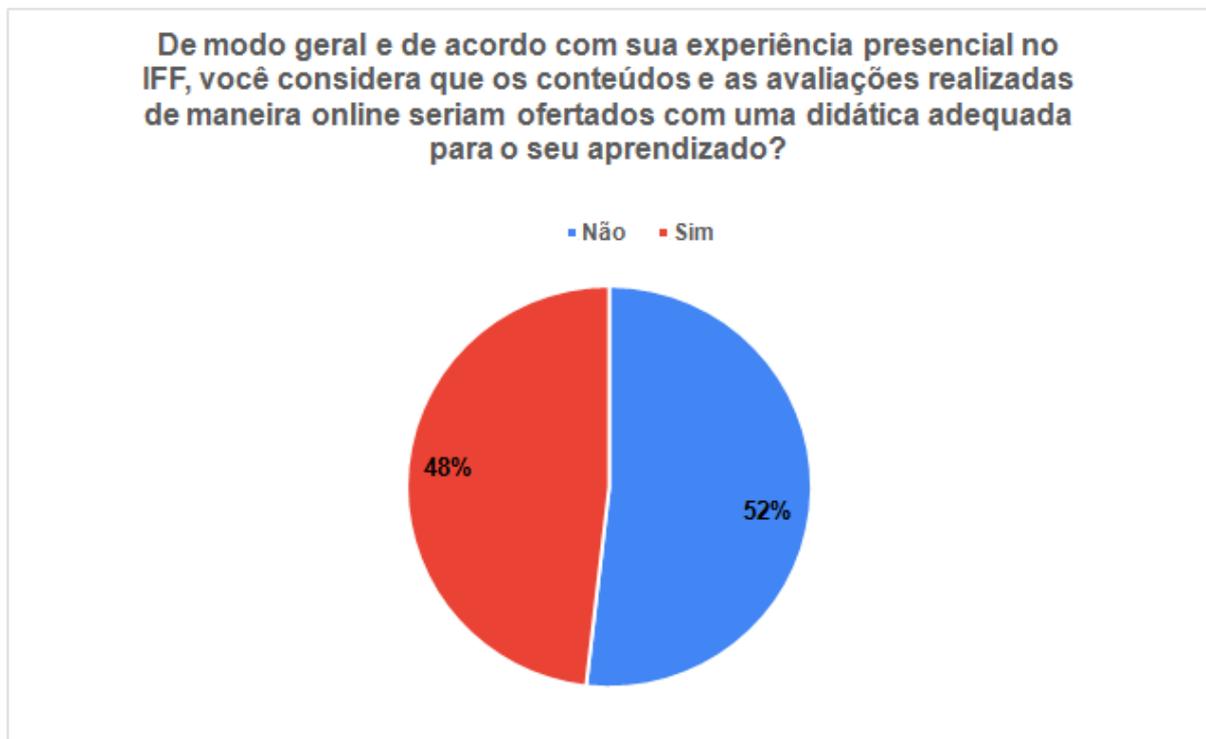
¹¹ Cumpre ressaltar a importância de observarmos o documento que os profissionais de psicologia do IFFluminense redigiram denominado "Orientações sobre cuidado, saúde mental e atenção psicossocial frente ao retorno às atividades regulares no âmbito do Instituto Federal Fluminense".

Isso porque nesta, apenas 55% indicaram ter capacidade, enquanto naquela, 68% responderam que seriam capazes de. Acredita-se que a incoerência identificada parte do fato de que os estudantes que participaram da pesquisa na sua maioria (51%) eram dos primeiros anos e, por isso, não conhecem a metodologia de ensino dos cursos do IFFluminense. Nesse sentido, pode ser que esses não sejam capazes de ponderar sobre as condições no âmbito dessa instituição a qual não estão familiarizados.

Nessa perspectiva, a questão seguinte destacou entre os respondentes os que já são alunos do IFFluminense e se eles avaliam que a modalidade on-line (remota) de aulas seria compatível com os conteúdos, avaliações, bem como com a didática e metodologia docente das disciplinas do IFFluminense.

Para essa questão os registros foram consideravelmente distintos e a equipe buscou nas respostas identificar aquelas que apontavam para afirmar que na instituição havia condições para que as aulas se dessem de maneira remota; e aquelas que apontavam para não existência de condições.

Os alunos que responderam a essa questão estavam no universo dos 49% que não eram calouros. Destacamos antes, portanto, que os estudantes que responderam não ter tido aulas presenciais no IFF ainda (os calouros) não foram considerados nas suas opiniões acerca dessa questão.



A título de ilustração traremos algumas das respostas apresentadas pelos estudantes com vistas a identificarmos os motivos de sinalizam que sim ou que não a essa questão.

Cumpra refletir antes, entretanto, que quando o recorte se constrói entre os que já conhecem a metodologia adotada pela instituição, sua forma de organização, suas técnicas, matérias, cronogramas, grades e quadro docente; o cenário revela uma avaliação invertida.

Nessa questão a maior parte dos estudantes avaliam que não seria possível no cenário do IFFluminense, *Campus Macaé*, que houvesse didática adequada para o aprendizado na modalidade remota.

Entre as respostas dos estudantes, socializamos algumas a título de ilustração e conhecimento:

“Não. Seria muita pressão e eu não tenho computador/boa internet para pesquisas, listas, provas, aulas e etc.”

“Se o conteúdo digital for apresentado como seria apresentado presencialmente eu sem dúvidas teria uma série de problemas. Presencialmente já era difícil, então imagina online. (...)”

“Não, pois quando era presencial alguns professores explicando matéria já era difícil, online será mais difícil ainda.”

“Sim. Aprendi a ter disciplina de estudar em casa, encarar a pressão etc... Não vejo problemas em estudar online”.

“Não, pois não envolve somente a transmissão de conhecimento. Numa aula presencial o professor se conecta com o aluno, existem dinâmicas, apresentações e descontrações que não são possíveis numa plataforma digital.”

“Sim, pois meu curso é maioria teoria dada por slides e pesquisas coisas que podem ser aplicadas remotamente”

“Sim. Eu tenho dificuldade de concentração quando há barulhos ou ruídos ao redor... Com aulas online, creio que eu poderia obter maior concentração.”

“Bom, estudar conteúdos e avaliações somente em casa não é a mesma coisa de ir para o IF e estudar, na realidade vai afetar muito no aprendizado”

“Não, pois meu curso não foi planejado para ser ead”.

“Não, pois existem professores que têm dificuldade em utilizar ferramentas para tal feito. Compreendo completamente a dificuldade, uma vez que não foi ofertado durante a formação profissional curso sobre aulas a distância.”

Nesse ponto cabe-nos refletir que, mesmo que os alunos desconheçam a modalidade remota de ensino, eles conhecem a presencial, sabem como se configura e por esse motivo imaginaram os limites desse ensino a eles ofertado presencialmente, ser transportado para uma forma de ensino não presencial.

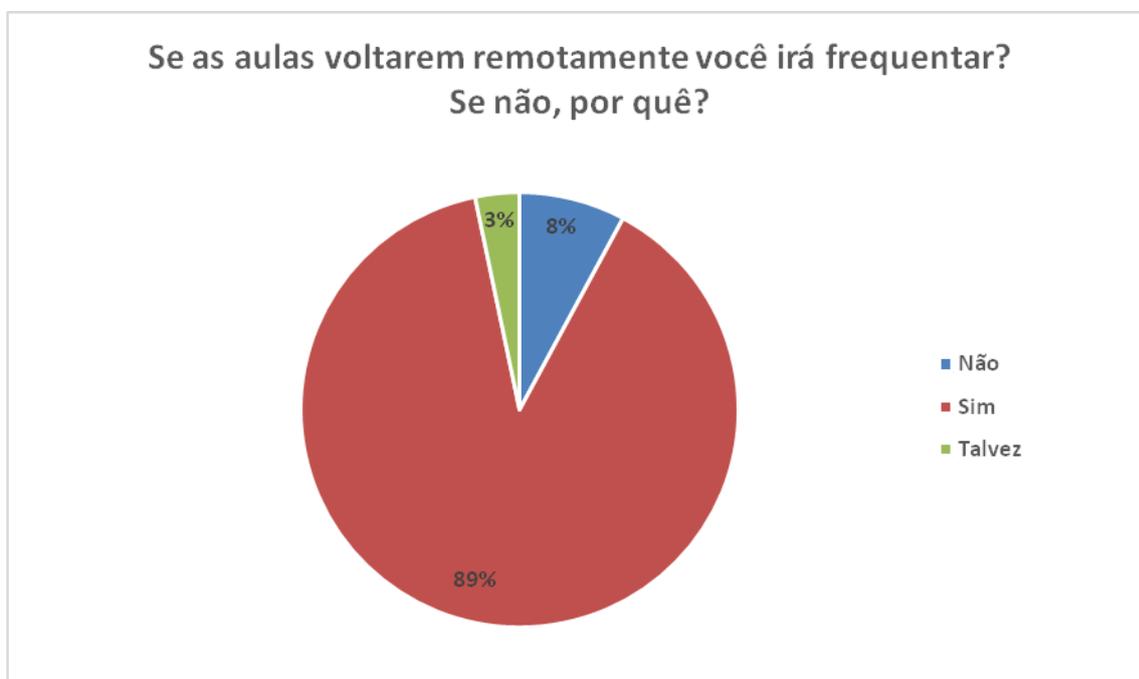
Em todos os debates construídos até o momento dentro do IFFluminense sempre se mostrou evidente que, sem dúvida, o ensino remoto compromete muito a eficácia e qualidade dos componentes curriculares institucionais.

Entretanto o que se apresenta é que com a aprovação das Diretrizes para ensino remoto no IFFluminense a instituição precisa ser capaz de elencar não apenas quais componentes podem ser ofertados não presencialmente (aqueles cujas perdas serão menos significativas), mas também e principalmente as metodologias e processo educacionais que serão utilizados.

Obviamente os estudantes podem não entender as adaptações que precisarão ser feitas e que estas podem, em certa medida, oportunizar apropriação de conhecimento. Não desconsideramos que podem haver disciplinas, professores e até estudantes que se adequem com facilidade a esse tipo de ensino, mas a insegurança da maior parte dos alunos que conhecem a instituição por já estudarem nela precisa ser um fator de análise.

Sendo assim essa percepção mais uma vez precisa ser considerada para que a formulação das metodologias adotadas seja construídas junto aos estudantes e que todo processo seja fruto de transparência e participação efetiva destes.

Para concluir nossa pesquisa optamos por inserir uma pergunta objetiva que acabou revelando-nos que, mesmo as demais questões terem se constituído em um perfil relativamente equilibrado entre as respostas (divisão de opiniões quase que em médias similares), quando partimos da afirmação de uma condição dada, o número daqueles que se submeteram a elas é consideravelmente maior, atingido quase que a totalidade dos respondentes.



Diante do que vimos, caso as aulas retornem a amostra dessa pesquisa revela que quase 90% dos nossos estudantes se submeterá a essa metodologia de ensino, mesmo aqueles que, inclusive, avaliam que não possuem condições emocionais para isso. Esse fato não pode ser visto alheio de críticas construtivas.

O que percebemos é que desde antes da pandemia se fazem presentes na escola os impactos de uma estrutura institucional que muitas vezes promovem adoecimentos, e, agora, em meio a pandemia, constatamos que não seria diferente. A questão evidente nessa pesquisa é que quando chamados a refletir sobre o retorno das atividades remotas esses estudantes encontram espaço para dar suas opiniões.

Diferentemente quando questionados sobre se eles estivessem nessa condição de ensino iriam frequentar as aulas eles imediatamente respondem que sim. Ou seja, quando a condição é dada eles se submetem a ela mesmo às custas de sua saúde mental.

As primeiras reflexões se constituíam em perguntas não afirmativas. Essa última partia do pressuposto de uma afirmação. Ou seja, as aulas voltando de maneira remota era a condição dada para que eles respondessem apenas se frequentariam ou não.

Nesse momento os estudantes se viam não sobre sua percepção acerca da sua condição de estudo remoto, de estudo no espaço doméstico, mas diante da sua condição de estudo ou não. Eles se encontravam diante do dilema de estudar ou não, de atrasar seu curso ou não.

Entre os poucos que sinalizaram que não ou apresentaram dúvida acerca desse retorno temos algumas questões que se fazem relevantes partilhar:

“Talvez, porque mesmo tentando é difícil se ter um espaço silencioso, numa casa pequena cheia de pessoas ou não estar ocupado.”

“Não, porque não consigo aprender através de aula remota.”

“Não, porque não tenho condições de comprar um computador, minha internet não é boa, e estudar pelo celular é péssimo e tenho déficit de atenção.”

“Bom irei mais por obrigação, vinda de mim, mas não sei se teria capacidade de estudar e manter uma rotina de estudo. Pois tenho muita dificuldade de concentração e perco o foco das coisas de maneira relativamente fácil.”

Além dessas respostas alguns alunos entenderam que a questão do retorno remoto seria um retorno presencial e colocaram que teriam medo de voltar às

aulas sem vacina, ou que são grupo de risco ou residem com pessoas do grupo de risco, esses poucos, sequer entendem o que seria um retorno de maneira remota.

4. Considerações Finais

Uma pesquisa como essa, mesmo em caráter amostral, revela questões que precisam ser observadas em conjunto por todos os educadores dessa instituição, desde a equipe técnica, docentes, gestores, etc. Isso porque diante do novo, a construção da possibilidade do ensino remoto nesta instituição, precisa se cercar de elementos com os quais precisaremos lidar, se vamos nos propor a assumir esse objetivo neste momento.

No mesmo sentido expressa que os processos de educação precisam ser tratados em uma perspectiva global, pois carregam questões transversais e que se conectam, evidenciando portanto, a necessidade de não serem compartimentadas sem um efetivo planejamento conjunto de todas as áreas que implicam.

Em nenhum momento objetivamos trazer afirmações de que essa oferta é impossível e que não deva ser construída pelo *Campus Macaé*, entretanto, entendemos que a opinião dos alunos aqui apresentada precisa ser parte dos elementos considerados e auxílio para as balizas das escolhas e projetos que serão construídos.

Além disso, precisamos nos perguntar antes de qualquer coisa que tipo de construção coletiva de proposta estamos fazendo: aquela que abre para opinião mas fecha a decisão independente dela, apenas dizendo que todos foram ouvidos e é isso o que importa; ou aquela que acolhe os sujeitos e suas percepções e encontra alternativas de fato inclusivas?

Enfim, consideramos que as questões trazidas pelos estudantes que participaram dessa pesquisa explicitam mais uma vez que a implementação da modalidade remota de ensino diante do quadro que estamos vivenciando socialmente vai muito além de condições tecnológicas (como internet e computadores), ainda que obviamente são imprescindíveis.

As condições de estudo dizem muito mais. Indissociável das condições de vida em sua totalidade, na qual implica significativamente a questão socioeconômica, mas também saúde, relações familiares e sociais, acolhimento e acompanhamento institucional, respeito às múltiplas diversidades, identidades e trajetórias de vida, etc.

Dessa forma, pretendemos que as informações reunidas aqui sejam levadas em conta na discussão e decisão acerca de como serão aplicadas as diretrizes de atividades não presenciais recentemente aprovadas pelo Instituto Federal Fluminense no campus de Macaé.